

Futebol em Moçambique: arte e memória

Football in Mozambique: Art and Memory

A possibilidade de juntar um conjunto de artigos sobre a história e a atualidade do futebol moçambicano é por diversas razões oportuna. Por um lado, a história do futebol moçambicano é muito rica. Dos subúrbios da capital, Maputo, vieram alguns dos maiores talentos do futebol mundial no século XX; acima de todos eles, Eusébio da Silva Ferreira. Esses talentos, que nasceram do ambiente competitivo e criativo dos bairros periféricos da então Lourenço Marques, passaram a barreira da discriminação racial imposta pelo colonizador e seguiram para os grandes clubes da metrópole portuguesa, chegando mesmo à seleção nacional. Eles fazem parte de uma história global, marcada pelo tempo dos impérios. Nessa altura, como em tantas outras, o futebol, resgatado às paixões mais autênticas do povo torcedor pelos poderes, foi usurpado por estratégias políticas e diplomáticas. Em troca, porém, esses pode-

res tiveram de aceitar que os pobres jogadores mestiços e negros fossem elevados pela cultura popular ao estatuto de heróis nacionais, algo que contrariava as suas pulsões classistas e racistas.

Findo o colonialismo em Moçambique, o futebol local não deixou de viver as alegrias e os desânimos que definiram o período da independência, até aos dias de hoje. A guerra civil e as constantes crises económicas dificultaram o desenvolvimento dos clubes e das competições. O crescimento das grandes cidades reduziu o espaço para os craques de pelada exibirem o seu valor. A carência económica extrema, a má nutrição e as doenças ceifaram ou debilitaram carreiras promissoras. E ainda assim o futebol não deixou de estar presente no quotidiano de Moçambique, tanto nas maiores cidades, como nos mais pequenos lugares. Os moçambicanos acompanham o mundo do futebol, esse espaço de cidadania global, e são agora adeptos globais informados, que seguem com detalhe, e muitas vezes com mediação tecnológica, os maiores campeonatos do planeta, mantendo um especial interesse pelo futebol português e pelos seus clubes, não tivessem sido

estas das raras instituições do tempo colonial onde, apesar das discriminações, os moçambicanos puderam ver o seu talento reconhecido.

Pelo jogo jogado, o interesse também perdura. O campeonato moçambicano continua, competitivo, e os seus clubes e a seleção jogam ao mais alto nível com as melhores equipas do continente, embora ainda longe de grandes conquistas. Nos bairros suburbanos, se o espaço para jogar rareia, não faltam jogadores. Este entusiasmo é patente nas disputas em campeonatos informais – masculinos e femininos – com os organizados no “campinho” do famoso bairro da Mafalala. Aí se revela como o futebol continua a ser um elemento presente na vida de todos os dias, em Maputo, nas cidades moçambicanas e por toda a África.

A seção **Dossiê – FUTEBOL EM MOÇAMBIQUE: ARTE E MEMÓRIA** nos apresenta três pares de textos que conversam entre si mais de perto. Os dois primeiros abordam os tempos da inauguração do Estádio da Machava e de Pelé. Os artigos seguintes privilegiam a relação do jogo com a literatura moçambicana, um deles de modo panorâmico e o outro focado

em um autor. Os dois últimos procuram refletir de que modo a história do futebol em Moçambique constitui uma experiência social performativa e estética útil para questionar o futebol contemporâneo.

Abrimos o dossiê com “Estádio da Machava: 50 anos de uma triangulação entre Moçambique, Brasil e Portugal” do moçambicano Marílio Wane, doutorando na Universidade Nova de Lisboa, e pesquisador, desde 2007, do Instituto de Investigação Sociocultural do Ministério da Cultura de Moçambique. Seu ensaio aborda um fato histórico esportivo de grande relevância para Moçambique, Portugal e Brasil: os 50 anos da inauguração do Estádio da Machava em 2018. Wane nos relembra que a primeira partida foi entre as grandes seleções portuguesa e brasileira, mas pouca atenção foi dada a essa efeméride. Assim, na tentativa de compreender as razões disso, a reflexão aborda os condicionamentos políticos e ideológicos da produção da memória nos diferentes países “e procura entrever os pontos comuns de diálogo existentes nas diferentes construções discursivas das identidades nacionais, suas rupturas, continuidades, convergências e contradições”.

O artigo “Pequenos objetos, grandes debates: a construção de representações sobre Pelé nos selos postais moçambicanos”, de Diano Massarani, doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ, foca nas representações sobre Pelé nos selos postais emitidos por Moçambique e coloca um ponto de confluência entre dois tópicos que têm suscitado crescente interesse de pesquisadores: a construção da imagem de Pelé, processo que recebe maior atenção por estudos no Brasil desde o início do século XXI, e o potencial simbólico dos selos postais, materiais que ao longo do mesmo período passaram a ser tratados mais amplamente como fonte de evidências por historiadores, geógrafos, sociólogos e antropólogos. Assim, sugere-se que os selos postais de Moçambique atuam nos dilemas e conflitos que marcam a imagem do “rei do futebol”.

Elídio Nhamona, professor de literatura da FLCS/UEM, em Maputo, escreveu “O desporto nas artes moçambicanas: uma abordagem sumária”. Neste artigo o pesquisador apresenta um panorama e empreende uma breve análise de algumas obras artísticas moçambicanas, especialmente literárias,

que abordam o tema do desporto ao longo do século XX. O autor demonstra “como essa atividade cultural foi usada para criticar os sistemas vigentes e discutir os meios para o estabelecimento de uma sociedade livre, fraterna e igualitária”.

“Mia Couto e o futebol: um olhar para Moçambique”, de Elcio Cornelsen, professor titular da FALE/UFMG, onde fundou o Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes (FULIA), em 2010, também privilegia a literatura, mas diferentemente do artigo anterior, a atenção recai em Mia Couto. A análise privilegia três narrativas sobre futebol, pelas quais o autor procura construir uma imagem da nação a partir do jogo de futebol, evidenciando “mazelas existentes na sociedade moçambicana na contemporaneidade”.

Já o relato de pesquisa “O canto do Moçambola: Campeonato Moçambicano de Futebol, campo fértil para investigações”, de Gustavo Cerqueira, integrante do Núcleo FULIA há dez anos e, atualmente, leitor na FLCS/UEM, contextualiza a investigação sobre cânticos de futebol em Moçambique, expõe como se deu sua aproximação da torcida do Costa do Sol, durante o campeonato nacional de 2019, e

apresenta a história do Campeonato Moçambicano de Futebol. O texto, de apelo também ensaístico, revela bastidores dessa etnografia demonstrando ao mesmo tempo essa competição como um potente palco de investigações no campo da linguagem, das artes e da memória.

Para fechar o dossiê, Nuno Domingos, da Universidade de Lisboa, um dos principais especialistas sobre o assunto, em “Um regresso à história do futebol na capital de Moçambique durante o período colonial”, retorna a um conjunto de três questões sobre a história desse esporte em Lourenço Marques durante o período colonial, aprofundando algumas dimensões de seu próprio trabalho, a saber: a relação do jogo da bola com a estratificação social e a formação de identidades sociais nas cidades; a questão da masculinidade em contexto urbano e as transformações das estruturas de poder moçambicanas; o debate sobre a modernidade colonial, expressa originalmente pelo jogo, e que tem no confronto entre a oralidade e a escrita um laboratório profícuo.

A seção **Paralelas**, dedicada a artigos variados, traz ainda a temática africana em “Futebol e identidade na Argélia: a

história da seleção da Frente de Libertação Nacional (1958-1962)”, de Renato Saldanha e Verônica Toledo, ambos doutorandos em Estudos do Lazer na UFMG. Esse artigo destaca a participação do futebol na construção da identidade argelina ao resgatar a trajetória da seleção formada pela Frente de Libertação Nacional e sua participação na luta pela independência do país. A análise afasta a tese simplista do futebol como ferramenta ideológica de alienação e manipulação.

Em seguida, “À sombra das crônicas imortais: futebol, literatura e filosofia”, de Bernardo Sansevero, doutor em Filosofia pela PUC-Rio, traz as crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol para um lugar de destaque com a defesa de sua “imortalidade”, contrariando uma visão comum que as enxerga como um mero apêndice da consagrada obra rodrigueana. O texto é embasado na estética de Kant, para quem o belo é algo que dá muito a pensar, sempre suscitando novas reflexões, uma vez que nenhuma explicação consegue abarcar por completo a forma bela e a rica matéria da obra de arte.

Zeca Marques e Renata dos Santos, pesquisadores da área de comunicação da Unesp, de Bauru/SP, colaboram com

o artigo “A locução esportiva na TV, o infotenimento e o uso dos bordões: os casos de Silvio Luiz e Rômulo Mendonça” cuja análise recai na trajetória desses narradores esportivos, através do rádio e da TV, que se notabilizaram pelo uso de bordões para descrever o que acontece em campo e em quadra. Por meio de uma pesquisa exploratória, de revisão bibliográfica, o artigo analisa como esses narradores recorrem ao humor e às referências externas ao campo do futebol para descrever ao público os detalhes da partida. Para tanto, os autores recorrem ao conceito de infotenimento.

O ensaio *“Spectator Violence in Stadiums: Why do the Hooligans Fight? An Essay in Honor of Eric Dunning”* (“Violência torcedora nos estádios: por que os hooligans brigam? Um ensaio em homenagem a Eric Dunning”), de Bernardo Buarque, pesquisador da Escola de Ciências Sociais da FGV, revisita a obra da Escola de Leicester, com destaque à figura proeminente de Eric Dunning, discípulo de Norbert Elias e sistematizador das ideias do sociólogo alemão na Inglaterra, líder no processo de constituição de uma sociologia dos esportes modernos naquele país. Sugere-se que a posição de Dunning

na condição de aprendiz de Elias logo se nivela e converte-se em profícua parceria. Destaca-se o fenômeno do hooliganismo, para o qual Eric Dunning e sua equipe dedicaram boa parte dos esforços analíticos de interpretação.

A seção **Tradução & Edição** traz “Duas canções de futebol em Moçambique”, de Elídio Nhamona. Uma das letras, “Prefiro ir ao futebol”, de Alexandre Langa, embora com o título em português, foi composta em xichangana. E a outra, “Matateu”, de Gonzana, o texto é em xirhonga, ambas línguas africanas de origem bantu. Elídio, no papel de tradutor, apresenta as letras originais e suas versões em português.

Na seção **Entrevista**, o pesquisador Elcio Cornelsen conversa com Ana Kazz, jornalista, atleta e mestra em desenvolvimento desportivo sobre o futebol de mulheres na Alemanha. Avalia o interesse do público alemão pelo futebol de mulheres, apresenta similaridades na história e no desenvolvimento da modalidade em comparação com o Brasil, nos conta também sobre sua vivência como torcedora nas arquibancadas, e nos fala sobre a relação da mídia e do marketing com o futebol de mulheres na atualidade.

Por fim, a seção **Poética** que além de publicar trabalhos artísticos autorais em diálogo com a temática do dossiê, também publica breves ensaios de pesquisadores que destacam a relação do futebol com as artes (literatura, teatro, performance, fotografia, cinema, teledramaturgia, pintura, música etc.). Nesta edição, Diano Massarani, em “Pelé nos selos postais moçambicanos”, apresenta, em detalhes, oito selos de Moçambique que representam o Rei, o maior atleta do século passado. E, para fechar, a editora Nandyala gentilmente nos cedeu os direitos de reprodução da narrativa “Mutola”, de Paulina Chiziane, escritora de grande destaque no cenário da literatura contemporânea de Língua Portuguesa. Essa narrativa tensiona com destreza as relações de gênero no futebol a partir da história de Maria Lurdes Mutola, medalhista olímpica e mundial dos 800 metros, considerada a maior atleta moçambicana de todos os tempos, que começou sua vida esportiva praticando o futebol – “Obrigada Mutola, águia dos deuses!”.

Kanimambo! Boa leitura.

Maputo e Lisboa, 29 de março de 2022.

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo/Moçambique

Elídio Nhamona

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo/Moçambique

Nuno Domingos

Universidade de Lisboa,
Instituto de Ciências Sociais, Lisboa/Portugal